

ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

Discente: Gabriela Ribeiro Siqueira

RGA: 2020.0903.016-5

FICHAMENTO: Psicanálise em diferentes contextos – 100h

MAIA, M. V. C. M.; PINHEIRO, N. B. B. Um psicanalista fazendo Outra coisa: reflexões sobre setting na psicanálise extramuros. (pp. 656 - 667)

MAIA, M. V. C. M.; PINHEIRO, N. B. B. **Um psicanalista fazendo Outra coisa:** reflexões sobre setting na psicanálise extramuros. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 31, n. 3, p. 656 - 667, 2011.

“Recorri aqui a Winnicott e a seus conceitos de placement e management. Lucas me pedia um manejo totalmente diferenciado e um lugar onde ele pudesse realmente ser aceito como estava naquele momento” (p. 659)

“Em ambos os exemplos, pudemos perceber todo um movimento inaugural que antecede, prepara e torna possível algo da psicanálise se iniciar e se processar. Nesses momentos iniciais, vimos nosso trabalho sendo questionado, pressionado, colocado em xeque; nesses momentos, as ocorrências pareciam indicar a impossibilidade de se psicanalisar nesses contextos, que nos demandavam uma posição diferente daquela que nós nos acostumáramos a supor que seria a de um psicanalista, contextos que exigiram de nós a aceitação de uma postura diferenciada no sentido de assumirmos, a partir do referencial da psicanálise, um lugar de escuta, de contenção, de organização, de diálogo com outros profissionais, com outros personagens da vida do paciente, com seus amigos, parentes, filhos, etc” (p. 662)

“Em nossa opinião, no período que demarcamos como preparatório para a análise, o analista é constantemente testado pelos pacientes, e acreditamos que a instauração da análise dependerá, em grande parte, de sua possibilidade de sobreviver aos ataques destrutivos quer sejam provenientes do paciente, quer sejam de seus familiares ou dos atores institucionais” (p. 664)

“A perspectiva winnicottiana ao contrário, nos informa que tanto a mãe quanto o analista facilitariam o desenvolvimento de seu bebê/ paciente se pudessem responder de uma forma ativa e viva às suas necessidades. Acreditamos, assim, que a ocorrência de uma adaptação ativa às necessidades do paciente depende da possibilidade do analista em se abrir ao inusitado, como nos exemplos clínicos que apresentamos” (p. 664)

“Winnicott (1962/1982) afirma ser fundamental para um tratamento que o analista se mantenha bem, desperto e, sobretudo, vivo. Vivo, para ele, significava que o analista deve sobreviver aos ataques agressivos de seus pacientes para que, com isso, possa ser constituído, neles, como um objeto subjetivo do qual poderão fazer uso próprio.” (p. 664)

“Para concluir (por enquanto), os trabalhos de Freud e de Winnicott parecem indicar que a questão referente ao setting na psicanálise se relaciona muito mais com o campo teórico que embasa nossas concepções sobre o ser humano, sua construção como sujeito desejante, vivo, na tarefa incessante de se relacionar com o mundo do que com o lugar em que nosso trabalho de

desenvolve. Os lugares serão apenas suportes materiais para que uma outra cena se inaugure, uma outra narrativa seja possível, uma outra história possa ser contada” (p. 664 - 665)

“Pois, em essência, em uma análise: Você se dedica ao seu caso. Você aprende a saber como é se sentir como seu cliente. Você se torna digno da confiança para o campo limitado de sua responsabilidade profissional. Você se comporta profissionalmente. Você se preocupa com o problema de seu cliente. Você aceita ficar na posição de um objeto subjetivo na vida do cliente, ao mesmo tempo em que conserva os pés na terra. Você aceita amor, e mesmo o estado de enamorado, sem recuar e sem representar sua resposta. Você aceita ódio e o recebe com firmeza, em vez de recebê-lo com vingança. Você tolera em seu cliente a falta de lógica, de inconsistência, suspeita, confusão, debilidade, mesquinhez, etc, e reconhece todas essas coisas desagradáveis como sintomas de seu sofrimento (Winnicott, 1963b/1982, p. 205).” (p. 665)

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades. (pp. 135-150)

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. **A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 16, p. 135-150, 2013.

“Freud afirma seu desejo pela extensão da psicanálise em vários momentos de sua obra. No entanto, não chega a teorizar sobre a inserção da mesma nos diferentes estabelecimentos do saber. Ao tratar do futuro da psicanálise, Freud (1919 [1918a]/1996) apenas diz que os princípios psicanalíticos deveriam ser mantidos independentemente dos novos rumos que a psicanálise enfrentasse” (p. 136)

“Freud inventa também a situação analítica, possibilitando aí um espaço de fala para as histéricas acusadas de serem mentirosas e fingidoras. Ele dá grande importância ao que elas dizem, mesmo quando as falas pareciam absurdas e contraditórias. Assim, “Freud se dá conta de que as pessoas, ao falarem, dizem muito mais do que imaginam estar dizendo. Cria então o primeiro conceito chave da psicanálise: o conceito de inconsciente” (p. 137)

“[...] o inconsciente é aquilo de que não se tem consciência. Ao longo das suas investigações, Freud acaba percebendo que o inconsciente obedece a certa lógica e que os sintomas esquisitos dos quais as pessoas se queixam têm um sentido, desconhecido pelo próprio indivíduo.” (p.137)

“No caso dos hospitais gerais, espaço privilegiado por este trabalho, observa-se que a inserção da psicanálise nos coloca diante de todas essas preocupações, tornando-as desafiadoras para as condições de possibilidades da psicanálise nesses locais. A partir da prática nos hospitais, observa-se que a extensão da psicanálise para esses espaços pode fazer com que ela se misture com a promoção de tratamentos que visariam simplesmente restabelecer o equilíbrio, o bem-estar, a saúde perdida” (p. 138)

“Nesse contexto, o que importa, então, mais do que o dito, é o efeito que a intervenção do analista produz no analisando. Há um tempo para essa incidência operar no circuito da elaboração do analisando a fim de produzir uma resposta na via da transferência. Freud (1913/1996) diz que se a intervenção do analista incidir precocemente sobre algo que o sujeito ainda não pôde dizer, o efeito é a resistência” (p. 144)

“A partir das ideias discutidas ao longo deste artigo, apresentamos alguns desafios que o psicanalista enfrenta quando se insere em hospitais gerais. Esses desafios certamente nos convocam ao questionamento sobre a legitimidade da psicanálise nesses locais. Figueiredo (2007) expõe as condições mínimas para que se caracterizem as especificidades da clínica psicanalítica. Analisar esses dispositivos possibilitou-nos delimitar a clínica psicanalítica como determinada maneira de trabalho independentemente do lugar em que o psicanalista atue” (p. 146)

“Para que o psicanalista possa praticar sua especificidade, ele precisa ter clareza de seus propósitos. No contexto hospitalar, o psicanalista com frequência sofre demandas provenientes de outros campos do saber e é importante que ele saiba disso, pois, às vezes, é preciso recuar.” (p. 146- 147)

“O psicanalista no hospital se afasta das normas e padrões adotados pelas técnicas convencionais. Ele encontra à sua disposição um conjunto limitado de utensílios e materiais. Além da ausência do tradicional divã, muitas vezes faltam salas para o atendimento ou, embora elas existam, os atendimentos podem também ocorrer nos corredores ou escadarias do hospital.” (p. 148)

“A partir da prática no hospital, percebe-se que diante de tantas situações imprevisíveis, de urgência e de crise — acontecimentos que muitas vezes provocam grande sofrimento — é essencial que o psicanalista crie condições simbólicas para a prática da psicanálise. Portanto, tem-se aí a ideia de que o que legitima o trabalho analítico no hospital é o próprio psicanalista, que deve sustentar a existência do inconsciente a partir dos próprios dispositivos psicanalíticos. Para cada analista, trata-se de reinventar os meios para a instalação desses dispositivos, no particular de cada caso” (p. 149)

*SABBAGH, Ana Luísa Masetti; SCHNEIDER, Venicius Scott. **LIMITES E POSSIBILIDADES DA ESCUTA CLÍNICA DENTRO DE UM HOSPITAL GERAL.** (pp. 109-116)*

SABBAGH, Ana Luísa Masetti; SCHNEIDER, Venicius Scott. **LIMITES E POSSIBILIDADES DA ESCUTA CLÍNICA DENTRO DE UM HOSPITAL GERAL.** Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 109-116, set. 2020.

“Trata-se de uma pesquisa que inclui o investigador na relação com o objeto de pesquisa, uma vez que a apreensão através da escuta clínica se dará no processo, em uma construção conjunta e que trará transformações para ambos os envolvidos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).” (p. 110)

“O hospital geral tem como uma de suas funções principais o trabalho com

pacientes portadores de doenças em estágio agravado, bem como enfermidades raras, de difícil controle de sintomas. Também procuram o hospital pacientes com diagnósticos a esclarecer, buscando uma resposta aos acometimentos orgânicos. A proposta de trabalho da equipe de saúde tende a ser pautada pelo modelo biomédico, o qual preconiza um saber inequívoco, objetivo e positivista a respeito do objeto de estudo – no caso, as enfermidades a serem estudadas e, dentro do possível, tratadas e curadas” (p. 111)

“Levando em consideração o atravessamento de um grande número de protocolos, modos de compreensão do paciente, condutas, entre outros, há algo que se estabelece na dinâmica institucional, que é, como a autora aponta logo acima, a primazia do protocolo em detrimento do pensamento clínico desde a perspectiva psicanalítica. Isto posto, compreendemos que há uma prevalência da tomada objetiva do paciente, esquadriando-o a partir de um modelo biomédico” (p. 112)

“O conteúdo trazido pelo paciente internado na especificidade da relação entre ele e o praticante apresenta uma qualidade outra para quem escuta aquilo que lhe é endereçado, pois o praticante parte do pressuposto clínico de que há ali uma posição própria do sujeito falante e uma posição que o psicanalista acaba por ocupar na relação, a partir da fala. O que surge, portanto, em transferência com o praticante, é dotado de caráter próprio, e será manejado de acordo com o que o caso vai apresentando no decorrer dos atendimentos” (p. 113)

“O segundo modo parte da clínica freudiana, pautada pelo manejo da transferência baseada nas posições em que os falantes ocupam e o conteúdo que emerge nesse setting, que dá tom e ritmo ao andamento clínico. A fim de que se estabeleça e se sustente essa transferência, o conteúdo trazido pelo paciente é escutado por alguém que ocupa uma posição específica (FREUD, 1912/2006a), despidendo-se da própria subjetividade a fim de desempenhar uma função na relação transferencial. Fazer isso diz respeito a suspender os pressupostos acerca do que o paciente vá falar ou fazer, bem como em relação às ações do praticante. Essa premissa também orienta um manejo fundamentado em mais do que há diante dos olhos do clínico” (p. 114)

“Promover uma implicação do sujeito com aquilo que é dito – construindo um espaço para elaboração do conteúdo trazido pelo sujeito – é possível por levarmos em consideração o fato de que o sujeito não se extingue simplesmente por conta da clínica soberana no hospital estar pautada pela tomada objetiva do organismo, do corpo anatômico” (p. 115)

“Entendemos que o trabalho da clínica psicanalítica, na qual o sujeito do inconsciente é responsável por dar direcionamento ao que é dito e feito – e que nem sempre se tem consciência das escolhas e desdobramentos –, só é possível dentro de um hospital geral se aquele que pretende praticá-la estiver disposto a interrogar não só os pacientes internados na instituição, mas a si próprio, a fim de que opere uma abertura e afinamento da escuta clínica que suscita a emergência do sujeito no ambiente em que estiver.” (p.116)

*PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor.** (pp. 81-96)*

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Psicanálise e educação: análise das**

práticas pedagógicas e formação do professor. *Psicol. educ. Psic. da Ed.*, São Paulo, 30, 1º sem. de 2010, pp. 81-96, jun. 2010.

“Os professores exercem grande influência sobre a criança por estarem investidos da relação afetiva primitivamente dirigida ao pai. Os sentimentos de admiração e de respeito são transferidos do pai para o professor, assim como a “ambivalência afetiva” que reside na antítese amor-ódio” (p. 81)

“O problema da educação sempre esteve presente no pensamento de Freud, sendo o texto de 1927, *O futuro de uma ilusão*, considerado como testamento pedagógico.” (p. 82)

“A finalidade da educação é a instauração do princípio de realidade, ou seja, é permitir ao indivíduo, submetido ao princípio do prazer, a passagem de pura satisfação das pulsões para um universo simbólico, que faz referência a uma lei, a lei da castração.” (p. 82)

“Sendo assim, podemos afirmar que não basta à criança possuir uma inteligência e uma saúde física satisfatórias para se desenvolver e se afirmar na aprendizagem escolar. É necessário também que tenha uma educação afetiva que lhe permita desenvolver uma sensibilidade relacional com os outros, podendo se servir de suas capacidades físicas e intelectuais” (p. 83)

“O lugar da sala de aula constitui um encontro de vários sujeitos com múltiplas ocasiões de transferência. A relação entre o sujeito do inconsciente e o sujeito social deve ser tratada a partir de diferentes abordagens complementares (Psicologia, Psicanálise, Antropologia) que permitam a elaboração de uma real articulação entre um pensamento crítico e a ação profissional” (p. 85)

“Os grupos clínicos de análise das práticas docentes abordam a questão do cuidado e do terapêutico estabelecendo o grupo e a prática profissional como objetos de um trabalho psicanalítico possível. Segundo descrição feita por Pechberty (2007), os grupos têm lugar no estabelecimento de ensino, ou fora, no contexto de formação continuada ou pessoal” (p. 90)

“A análise das práticas educativas de base psicanalítica ajuda a reflexão e permite ao professor que ele faça suas escolhas de atuação em sala de aula. Apesar de partir de um posicionamento teórico, a análise feita no grupo não impõe a aplicação de uma determinada teoria na prática do professor. Ela apenas possibilita a reflexão e a conscientização do porquê de uma determinada prática, que corresponderia a uma teoria ou a um fazer imposto por um imaginário. Da mesma forma, o coordenador também se apóia em saberes teóricos, saberes de referência que guiam o processo de análise, assim como o domínio de sua concepção de sujeito, da realidade psicológica e institucional” (p. 92)

“A Psicanálise por ser uma teoria que privilegia a escuta da palavra e da relação do sujeito com o saber tem em comum com a educação a preocupação da pessoa na sua singularidade, uma vez que provoca investimentos e emoções que permitem análises. A Psicanálise nos inspira antes de tudo um método de trabalho que exige que se faça um permanente retorno a si mesmo” (p. 92)

HOPPE, Martha Marlene Wankler; FOLBERG, Maria Nestrovsky. O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita. (pp. 147-158)

HOPPE, Martha Marlene Wankler; FOLBERG, Maria Nestrovsky. **O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita**. In: *Ágora*, v. 20, n. 1, 2017, p. 147-158.

“Os conceitos de sujeito e de desejo são desenvolvidos a partir da teoria de Jacques Lacan, na qual o termo sujeito é concebido a partir da noção de tema (sujet, do francês, no sentido de assunto, matéria, enredo) e o termo desejo como causa na constituição do sujeito” (p. 148)

“Quando a criança pensa e responde, faz isso em relação à demanda de uma alteridade que pode ser a figura do professor ou professora, da mãe, do pai, do irmão, do diretor. Entretanto, essa alteridade da qual a criança depende como demanda de amor possibilita uma outra condição de existência na relação com um grande Outro” (p. 149)

“As disciplinas que abordam as questões educacionais como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a pedagogia e as neurociências apresentam fundamentos distintos da teoria psicanalítica. Entretanto, mesmo que o processo formal de aprendizagem no campo da educação não seja objeto da psicanálise, entendemos que o diálogo entre as diferentes formas de conceber o sujeito pode abrir questões e oferecer novas perspectivas ao tema” (p. 150)

“A perspectiva lacaniana do sujeito do inconsciente não se limita ao corpo físico. Este corpo, em psicanálise, é o lugar do gozo, aquele que recebe o impacto do grande Outro pela linguagem. Para a psicanálise, não é o corpo que sustenta a linguagem, é a linguagem que sustenta o corpo, seu padecimento e sua cura. É a linguagem que dá condições à existência do corpo, pois, sem ela, seríamos uma massa de carne, apenas” (p. 152)

“A construção do texto é ato do corpo e das mãos que transcende, com seu efeito, na transposição para a linguagem, a necessidade motora e abandona seu mecanicismo para ceder ao movimento da cadeia significante. A metáfora da tecelagem apresentada pelos antropólogos Scheid e Svebro (2010) é uma forma de entender o conceito do texto e de sua escrituração” (p. 154)

“O leitor entendido a partir da psicanálise, é o leitor da linguagem que nasce sob a égide de suas normas. Na leitura da linguagem, conjugam-se a gramática e a fonêmica, lugares em que o sujeito se reconhece. A gramática independe da fala, pois seus princípios podem ser deixados de lado sem que a compreensão daquilo que é dito fique prejudicada. A fonêmica está em relação direta com a fala e a leitura, e dispensa os conceitos linguísticos” (p. 156)

“Pensar a escola infantil é pensar as possibilidades que oferecemos às crianças pequenas antes de seu ingresso no ensino regular. Sabemos que o aprendizado da escrita é o resultado de uma complexidade de experiências na vida da criança e não simples efeito de uma habilidade motora, de uma memória sobre as letras e palavras. Na escola infantil, a criança revela suas potencialidades gráficas e simbólicas, naquilo que os pesquisadores como Gréssillon (2007) denominam de “gênese do texto” (p. 157)

DUARTE, Daniele Almeida; CASTRO, Mariana Devito; HASHIMOTO, Francisco. Psicologia do trabalho e psicanálise: uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico (pp. 1-7)

DUARTE, Daniele Almeida; CASTRO, Mariana Devito; HASHIMOTO, Francisco. **Psicologia do trabalho e psicanálise: uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico**. Anais XIX Encontro de Psicologia UNESP, p. 1-7, 2006.

“Para compreender de que forma a organização vê o trabalhador faz-se necessário retomar a história da Psicologia do Trabalho e suas alterações ao longo de seu desenvolvimento, bem como averiguar as influências do pensamento capitalista para a concepção e saúde do trabalhador, uma vez que o surgimento do capitalismo histórico trouxe consigo a concepção de que o trabalho é algo essencial à vida do indivíduo” (p. 2)

“Para demonstrar de maneira didática os caminhos percorridos pela Psicologia, utilizou-se como referência a Psicologia do Trabalho dividida em três faces, apresentada por Sampaio (1998). A primeira face, momento da consolidação da revolução industrial a partir do século XX, foi representada por Taylor, pertencente à Escola Clássica (ou Escola de Administração Científica), o qual promoveu uma ideologia administrativa que obteve um grande aumento da produção através de técnicas rigorosas de controle da organização do trabalho” (p. 3)

“Criar consciência do caráter instrumental que a Psicologia Industrial e a Psicologia Organizacional assumiram foi o começo para que se instaurasse um processo de transformação e possibilitaram a transição para a terceira face, a Psicologia do Trabalho” (p. 4)

“Na análise parcial do trabalho, pôde-se observar que a história da Psicologia do Trabalho, construída no século passado, ainda se faz presente na atualidade quando, nas organizações, atende somente ao capitalismo e ignora o ser humano (dotado de Desejo, afetividade e sofrimento) para poder movimentar as engrenagens do sistema econômico que obedece a fins lucrativos” (p. 5)

“É fato que o indivíduo, quando é impelido pela organização a reprimir seus desejos, sofre. Esse sofrimento é decorrente também de precárias condições de trabalho e pressões impostas por essa organização. Entretanto, nem sempre o sofrimento é prejudicial à saúde física e mental do trabalhador” (p. 6)

“Pelo contrário, ele pode representar um meio de o sujeito, através da sublimação, conferir uma nova significação ao trabalho, à medida que, quando levado à resolução de problemas dentro da organização, o sujeito tem a chance de alcançar um reconhecimento social de seu trabalho e se torna capaz de dominar suas angústias e, conseqüentemente, controlar seu sofrimento, salvando seu equilíbrio mental” (p. 6)

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. (pp. 89-96)

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. **Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações**. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 7, n. spe, p. 89 - 96, 2002.

“A descoberta da sexualidade infantil abre uma perspectiva para a Psicanálise ser um modo de encarar os processos psíquicos que podem ser medidos pelo valor do seu efeito sobre elementos afetivos, sendo essa a especificidade para a mudança de foco da visão da vida psíquica” (p. 90)

“A interpretação, então, assume lugar central nas pesquisas nas organizações com o referencial psicanalítico. Essa interpretação é uma forma de duvidar do que está posto. É necessário um exercício sistemático da dúvida para entender o significado do fenômeno, os motivos do pesquisador e do pesquisado para emitir esta ou aquela fala, resposta e/ou indícios, sendo a construção de uma rede de significados originada numa variedade de dados, o ponto de partida para entender a dinâmica organizacional” (p. 90)

“A Psicanálise desconfia da verdade, da fala manifesta e adiciona as experiências do passado para explicar fenômenos atuais, não aceitando as evidências dos significados” (p. 90)

“Uma destas estratégias aqui tratadas devem ser consideradas nas suas especificidades ao estarem ligadas a determinados objetos de investigação, que, no caso, estão fundamentadas por referenciais psicanalíticos e visam ao entendimento da dinâmica organizacional, como objeto último de interpretação” (p. 91)

“A problemática da pesquisa empírica com o uso do referencial psicanalítico apresenta-se no próprio objeto de estudo, que deve ser responsável pelo acesso ao conteúdo e processos inconscientes que permeiam a organização. Tais objetos não constituem em si mesmo elementos do inconsciente, mas é através da investigação de sua natureza, relações e características, que o inconsciente pode se manifestar, sendo essa expressão interpretada a partir de um conjunto de dados sobre o objeto de estudo” (p. 92)

“O uso da escala para medir o prazer-sofrimento fornece indicadores para ser aprofundado o estudo de uma dinâmica que extrapola o dado, que se configura num conjunto de relações, na maioria das vezes dialética, que permite a interpretação e o avanço do conhecimento ao confrontar o empírico com o teórico, sendo mais um elemento para orientar a interpretação” (p. 94)

“Uma das maiores contribuições do uso do referencial psicanalítico é a problemática da dúvida, da interpretação e da forma como o conhecimento é construído, sem desconsiderar a importância dos conceitos específicos à Psicanálise, como o inconsciente, a teoria da sexualidade infantil, a teoria das pulsões e a transferência, para o entendimento das relações simbólicas indivíduo-trabalho-organização” (p. 95)

DIAS, Mariana Hollweg; SOUSA, Edson Luiz André de. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas (pp. 729-738)

DIAS, Mariana Hollweg; SOUSA, Edson Luiz André de. **Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas.** *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 729-738, 2012.

“Na eterna busca da performance sempre melhor, há inúmeros sacrifícios a serem feitos. No treinamento de alto rendimento, seja ele técnico, tático, físico

e mesmo psicológico, o atleta não raras vezes é desconsiderado como sujeito. Na medida em que não participa ativamente do processo de construção de treino e em que os aspectos subjetivos são desconsiderados, fica numa posição de objeto frente ao discurso da alta performance” (p. 730)

“A raiz do esporte de alto rendimento tal como o conhecemos hoje remete ao surgimento do esporte moderno na Inglaterra da Revolução Industrial estando ligado a fatores políticos, econômicos e sociais. Ele teria surgido da modificação, ou esportivização de elementos da cultura corporal do movimento das classes populares e da nobreza inglesa” (p. 730)

“Segundo Freud (1914/1996), a construção do eu ideal é fruto do próprio narcisismo dos pais. A atitude de pais afetuosos frente a seus filhos é uma revivescência do narcisismo que há muito já abandonaram. Isso explica o fato de os pais atribuírem todas as perfeições aos filhos ocultando qualquer falha que possam ter ou restrições que tenham de enfrentar” (p. 732)

“O que nos interessa, a partir dessa reflexão, é pensar que, numa sociedade que se organiza desse modo, fica excluída a dimensão da falta, da fragilidade. É como se para o sujeito contemporâneo todas as condições de gozo estivessem ao seu alcance, mas ele está sempre aquém, quem goza é o outro que o exclui, e ele, desamparado, padece” (p. 732)

“O ideal do eu, cujo entendimento foi construído a partir do indivíduo, é uma grande chave de compreensão da psicologia de grupo: “Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação.” (p.108). Abre-se com isso a possibilidade de buscarmos entender o papel da figura do “atleta-herói” em nossa sociedade para além da dimensão imaginária trabalhada no item anterior, mas também numa via de inscrição simbólica” (p. 733)

“Quando se trata do trabalho psicológico realizado com atletas e equipes esportivas, a grande maioria das intervenções ainda se pauta em um modelo bastante positivista. Há a preocupação em treinar as habilidades psicológicas necessárias a um bom desempenho como a atenção, a concentração, o controle do nível de estresse e de ansiedade, etc. No entanto, muitas vezes o sujeito atleta, com suas angústias, suas vivências, seus sonhos, suas expectativas, suas frustrações não é escutado e dessa forma o foco do trabalho passa a ser a vitória e não o sujeito. Então, pensamos na potência da escuta psicanalítica no trabalho com esses atletas” (p. 737)

LIMA, Carolina Mousquer; POLI, Maria Cristina. **Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito.** (pp. 371-387)

LIMA, Carolina Mousquer; POLI, Maria Cristina. **Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito.** *Ágora (Rio de Janeiro)*, v. XV, número especial, p. 371-387, dez. 2012.

“Nesse espaço, portanto, música e clínica se conjugam, demonstrando igualmente quão clínico é o trabalho de uma oficina. Primeiro, porque manter os ouvidos abertos ao próximo acorde abre um espaço de espera pelo Outro. Depois, porque esse espaço de espera é aquilo que, na clínica, resguarda um

espaço para o novo. Afinal, o trabalho do analista também é uma lida com as distensões e contrações do tempo” (p. 373)

“Em nosso trabalho na oficina, partimos da suposição de que a música é potencialmente capaz de, através de um arranjo de tempos, produzir um laço entre aqueles que dela compartilham. Assim, talvez essa potência dependa da produção de um tempo consonante entre os sujeitos, um tempo de encontro. “Cantar em conjunto, achar os intervalos musicais que falem como linguagem; afinar as vozes significa entrar em acordo profundo e não visível sobre a intimidade da matéria” (p. 374)

“Alíngua, conceito tecido por Lacan (1972-73/2006) no seminário Mais, ainda, quando ele revisita a concepção do inconsciente estruturado como linguagem. Sua proposição modifica essa fórmula inicial a partir da ideia de que a linguagem, com valor de código compartilhado, não seria dada de origem, sendo aquilo que se procura saber a respeito da função de alíngua. Ou seja, que a estrutura linguageira deriva de, é constituída e sustentada por alíngua. O inconsciente que daí advém é definido por Lacan como um *savoir-faire* com alíngua” (p. 380)

“Para alguns, a música — às vezes pela letra, outras vezes com uma lembrança que a melodia evocava — funcionava como disparadora de narrativas, de encontros, de compartilhamentos de histórias. A música operava através da dimensão da palavra. Mas, em outros momentos, ou em especial para alguns pacientes, era algo anterior à palavra que a música operava: era a dimensão espaço-temporal do corpo que a música colocava em questão” (p. 385)

“Se dissemos que era preciso calar o Outro — no sentido de que ao Outro é preciso que falte palavra — é porque falávamos de um Outro que fala pelo sujeito, no lugar do sujeito, excluindo-o do lugar da enunciação. Por fim, resta também uma aposta: de que a música pode produzir um silêncio — ou seria mais preciso dizer um esquecimento? — para que o Outro possa falar nele, no sujeito” (p. 385)

FURTADO, Juarez Pereira et al. Modos de morar de pessoas com transtorno mental grave no Brasil: uma avaliação interdisciplinar. (pp. 3683-3693)

FURTADO, Juarez Pereira et al. **Modos de morar de pessoas com transtorno mental grave no Brasil:** uma avaliação interdisciplinar. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 18, n. 12, p. 3683-3693, Dec. 2013.

“As necessidades de moradia não devem ser subestimadas. Como determinante social da saúde em geral⁵ e da saúde mental em particular, a moradia é decisiva na inserção, integração e manutenção de pessoas com TMG no meio social⁶. Nela convergem importantes aspectos do indivíduo, do mais íntimo e pessoal até o social e relacional” (p. 3684)

“Os chamados cuidadores – profissionais sem formação específica, normalmente com o primeiro grau completo e contratados de forma terceirizada por ONG – foram indiretamente observados, na medida em que estão em constante interação com os moradores dos SRT. Tanto os usuários de CAPS quanto os moradores de SRT foram acompanhados em suas rotinas diárias

dentro e fora de casa, em diferentes períodos da semana, buscando-se observar a configuração da moradia (aspectos físicos), a experiência dos moradores (o significado de habitar, a organização das pessoas no espaço de moradia) e sua inserção social (rede de relações dos moradores na comunidade)” (p. 3686)

“situação é diferente para os usuários dos CAPS que moram por conta própria, pois, via de regra, contam com pelo menos um profissional universitário de referência, que reconhecem e valorizam e com o qual têm encontros periódicos. Os espaços públicos e os próprios CAPS, nesses casos, expõem usuários e trabalhadores a mais demandas e possibilidades de negociação provenientes de territórios externos” (p. 3687)

“Sob a ótica da psicanálise, a questão de habitação e inserção social considerou dois aspectos: (1) a singularidade dos modos de viver de cada sujeito; (2) e como a dimensão de casa se articula às possibilidades subjetivas referidas ao íntimo em sua relação com o Outro. Esses dois aspectos relacionam-se com noções teóricas presentes desde o início da pesquisa: posição do sujeito na linguagem, saber fazer com o sintoma e a relação com o Outro. A elas se acrescentaram a noção de íntimo e de desinserção, como frutos do processo de investigação” (p. 3690)

“Podemos observar diferentes tentativas criativas de habitação, dentre aqueles que moram de outras maneiras que não os SRT, indicando possíveis laços com o Outro, com o corpo, os objetos e com as ofertas do mundo. Nessa perspectiva, tomamos a noção de íntimo em sua articulação com a casa e a resposta sintomática do sujeito, destacando que cada morador tenta se arranjar como pode para criar uma esfera íntima, buscando seus recursos para se proteger do domínio e do olhar do Outro e conseguir habitar minimamente o mundo” (p. 3690)

“O resultado final desta investigação guarda as especificidades de cada área e, simultaneamente, apresenta compartilhamento conceitual, como apontado acima. Por outro lado, além das questões de ordem epistemológicas necessariamente envolvidas, devemos ressaltar nossa concepção de colaboração disciplinar do tipo interdisciplinar como um processo de debate e interação entre diferentes perspectivas que não visa a homogeneização, a onisciência ou mesmo a criação de uma superciência” (p. 3691)

“As pessoas com TMG que moram de outras maneiras fornecem elementos importantes para o planejamento de futuros modos de apoio à moradia dessa clientela. Por meio deles, podemos identificar tanto barreiras quanto oportunidades para a inserção social, oferecidas pelo cotidiano na cidade” (p. 3691)

FICHAMENTO: Psicanálise Aplicada – 100h

O esquecimento de nomes próprios (pp. 6 – 89). Primeiro capítulo até sexto capítulo

FREUD, S. ***Sobre a psicopatologia da vida cotidiana***. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud, v. VI. Rio de Janeiro:

Imago, 1996.

“As condições necessárias para se esquecer um nome, quando o esquecimento é acompanhado de ilusão de memória, podem ser resumidas da seguinte maneira: (1) certa predisposição para esquecer o nome, (2) um processo de supressão realizado pouco antes, (3) a possibilidade de se estabelecer uma associação externa entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido” (p. 9)

“O vocabulário corrente de nossa própria língua, quando confinado às dimensões do uso normal, parece protegido contra o esquecimento, Notoriamente, o mesmo não acontece com o vocabulário de uma língua estrangeira. A predisposição para esquecê-la estende-se a todas as partes da fala, e um primeiro estágio de perturbação funcional revela-se na medida desigual com que dispomos do vocabulário estrangeiro, conforme nosso estado geral de saúde e o grau de nosso cansaço” (p. 11)

“Quando analiso os casos de esquecimento de nomes que observo em mim mesmo, quase sempre descubro que o nome retido se relaciona com um tema que me é de grande importância pessoal e que é capaz de evocar em mim afetos intensos e quase sempre penosos. Segundo a praxe conveniente e louvável da escola de Zurique (Bleuler, Jung, Riklin), também posso formular esse fato da seguinte maneira: o nome perdido tocou num “complexo pessoal” em mim. A relação do nome comigo me é inesperada e em geral se estabelece através de associações superficiais (tais como a ambigüidade verbal ou a homofonia); em termos genéricos, ela pode ser caracterizada como uma relação colateral” (p. 19)

“Em geral, podem-se distinguir dois tipos principais de esquecimento de nomes: os casos em que o próprio nome toca em algo desagradável e aqueles em que ele se liga a outro nome que tem esse efeito. Assim, os nomes podem ter sua reprodução perturbada por sua própria causa, ou por causa de seus vínculos ou associativos mais próximos ou mais distantes” (p. 32)

“Quanto de nossa reserva mnêmica pertence à categoria das lembranças encobridoras e qual o papel desempenhado por elas nos diferentes processos de pensamento neuróticos são problemas importantes que não abordei em meu artigo anterior, e nem os abordarei aqui. Importa-me apenas enfatizar a

identidade entre o esquecimento de nomes próprios seguido de ilusão de memória e a formação das lembranças encobridoras” (p. 34)

“Quem já empreendeu uma investigação anímica de várias pessoas pelo método da psicanálise terá compilado, no decorrer de seu trabalho, inúmeros exemplos de todo tipo de lembranças encobridoras. Contudo, o relato desses exemplos é extraordinariamente dificultado pela natureza já apresentada das relações entre as lembranças da infância e a vida posterior. Para que se possa mostrar que uma lembrança da infância deve ser encarada como lembrança encobridora, quase sempre é necessário expor a biografia completa da pessoa em questão. Raramente é possível retirar uma lembrança encobridora de seu contexto para descrevê-la em separado, como no belo exemplo que se segue” (p. 36)

“Não posso deixar de contradizê-lo aqui. Quer o som inicial do nome seja ou não um dos elementos de maior valência da palavra, é certamente incorreto que, no caso de esquecimento de uma palavra, ele seja o primeiro a regressar à consciência. Portanto, a regra formulada acima não se aplica. Quando nos observamos ao procurarmos um nome esquecido, somos forçados, com relativa freqüência, a expressar a convicção de que ele começa por determinada letra. E com igual freqüência essa convicção se revela fundada ou infundada. A rigor, eu afirmaria que, na maioria dos casos, o som inicial que anunciamos é falso” (p. 40)

“Ocorre que, num imenso número de casos [1] é a predisposição do leitor que altera a leitura e introduz no texto algo que corresponde a suas expectativas ou que o está ocupando. A única contribuição que o próprio texto precisa fazer ao lapso de leitura é fornecer alguma semelhança na imagem da palavra, que o leitor possa modificar no sentido que quiser. Sem dúvida, a leitura apressada, especialmente quando há uma deficiência visual não corrigida, aumenta a possibilidade de tal ilusão, mas certamente não é uma condição necessária” (p. 76)

O esquecimento de impressões e intenções (pp. 90 – 179). Sétimo capítulo até décimo segundo capítulo

FREUD, S. ***Sobre a psicopatologia da vida cotidiana***. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

“Já dispomos, é verdade, de alguns pontos de vista para os quais esperamos obter aceitação geral. Supomos que o esquecimento é um processo espontâneo ao qual se pode atribuir o requisito de um certo decurso de tempo. Enfatizamos que no esquecimento se produz uma certa seleção entre as impressões que nos são oferecidas, o mesmo acontecendo entre os detalhes da cada impressão ou experiência” (p. 90)

“Críticas à própria esposa, uma amizade que se transforma no inverso, um erro no diagnóstico médico, a rejeição de alguém que tem interesses semelhantes, a apropriação de idéias alheias - não há de ser por acaso que uma coleção de exemplos de esquecimento reunida sem seleção prévia exige que se entre em temas tão penosos para ser explicada” (p. 97)

“Estarei tocando num dos males que afligem a maior parte de meus conhecidos sadios aos confessar que, sobretudo no passado, eu esquecia com muita facilidade e por longos períodos de devolver livros emprestados, ou que, com facilidade ainda maior, adiava o pagamento de contas através do esquecimento” (p. 103)

“Assim, o ato falho era a representação simbólica de um pensamento que, na verdade, não se destinava a ser admitido de maneira séria e consciente, pois, de fato, um neurologista sabe muito bem que o doente só permanece apegado a ele enquanto espera ser beneficiado, e que, por sua vez, ele só se permite sentir um interesse excessivamente caloroso pelos pacientes com vistas a dar-lhes ajuda psíquica” (p. 107)

“Poder-se-ia proceder a um agrupamento desses atos sintomáticos e casuais, de ocorrência tão freqüente, conforme ocorram habitualmente, ou regularmente em certas circunstâncias, ou ainda esporadicamente. Os atos do primeiro grupo (tais como brincar com a corrente do relógio, retorcer a barba etc.), que quase podem ser considerados característicos da pessoa em questão, aproximam-se dos múltiplos movimentos conhecidos como tiques e sem dúvida merecem ser examinados em relação com eles” (p. 126)

“Os atos sintomáticos, [1] que podem ser observados em abundância quase inesgotável tanto nas pessoas saudáveis quanto nas doentes, merecem nosso interesse por mais de um motivo. Para o médico, servem freqüentemente de indícios valiosos para se orientar em situações novas ou pouco conhecidas; para o observador da natureza humana, freqüentemente revelam tudo - e às vezes até mais do que ele desejaria saber” (p. 130)

“Os menores atos habituais executados com um mínimo de atenção, tais como dar corda no relógio antes de dormir, apagar a luz antes de sair do quarto etc., vez por outra ficam sujeitos a perturbações que demonstram de maneira inconfundível a influência de complexos inconscientes sobre os hábitos aparentemente mais arraigados” (p. 140)

“Os erros de memória distinguem-se do esquecimento acompanhado por ilusões da memória unicamente por um traço: nos primeiros, o erro (a ilusão de memória) não é reconhecido como tal, mas é-lhe dado crédito. O uso do termo “erro”, contudo, ainda parece depender de outra condição. Falamos em “errar”, e não em “lembrar erroneamente”, quando desejamos enfatizar o caráter de realidade objetiva no material psíquico por reproduzir, isto é, quando pretendemos lembrar algo diferente de um fato de nossa própria vida psíquica, algo que, além disso, possa ser confirmado ou refutado pela memória das outras pessoas” (p. 142)

“Não pretendo afirmar que esses casos de atos falhos combinados possam ensinar-nos algo novo, algo que já não se tivesse podido deduzir dos casos simples, mas é certo que essa mudança na forma assumida pelo ato falho enquanto o resultado permanece o mesmo dá a vívida impressão de uma vontade que se esforça por atingir um alvo determinado, e contradiz de maneira muito mais enérgica a noção de que o ato falho é uma coisa aleatória e não requer interpretação. Também é possível que nos cause estranheza, nesses exemplos, o fato de uma intenção consciente ser tão radicalmente incapaz de impedir o êxito do ato falho” (p. 155)

“A conclusão geral que emerge das diversas considerações anteriores pode ser formulada nos seguintes termos: Certas insuficiências de nosso funcionamento psíquico - cujas características comuns precisaremos logo adiante - e certos desempenhos aparentemente inintencionais, revelam, quando a eles se

aplicam os métodos da investigação psicanalítica, ter motivos válidos e ser determinados por motivos desconhecidos pela consciência” (p. 155)

“Presumo que esse desconhecimento consciente e esse saber inconsciente da motivação das casualidades psíquicas sejam uma das raízes psíquicas da superstição. Porque o supersticioso nada sabe da motivação de seus próprios atos casuais, e porque o fato dessa motivação pressiona pela obtenção de um lugar no campo de seu reconhecimento, ele se vê forçado a situá-la, por deslocamento, no mundo externo. Se existe tal conexão, ela dificilmente estará limitada a esse caso singular” (p. 166)

“No meu entender, é errôneo chamar de ilusão o sentimento de já ter vivenciado alguma coisa antes. É que nesses momentos realmente se toca em algo que já se vivenciou antes, só que isso não pode ser lembrado conscientemente porque nunca foi consciente. Dito em termos sucintos, a sensação do “déjà vu” corresponde à recordação de uma fantasia inconsciente” (p. 170)

“Mas o caráter comum a todos os casos, tanto os mais leves quanto os mais graves, e que é igualmente encontrado nos atos falhos e nos atos casuais, é que os fenômenos podem ser rastreados a um material psíquico incompletamente suprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim não foi despojado de toda a sua capacidade de se expressar” (p. 179)

“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (pp. 1 – 136).

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

“O autor passa a explicar a seus leitores, para quem Gradiva já interessava como pessoa viva, que o olhar de desprazer e repulsa que a jovem lhe dirigira na véspera dera lugar a uma expressão de curiosidade e profundo interesse. Ela na verdade começou a interrogá-lo, pedindolhe uma explicação para sua observação do dia anterior e querendo saber em que ocasião ficara ao lado dela enquanto ela se deitava para dormir” (p. 12)

“Vale a pena fazer uma pausa para observar em casos patológicos como a mente humana se torna sensível, em estados de repressão, a qualquer aproximação do que foi reprimido, e como até mesmo leves semelhanças

bastam para que por trás da força repressora, e por meio da mesma, o reprimido venha a emergir. Tive entre meus pacientes um jovem - pouco mais que um menino - que, após involuntariamente tomar conhecimento dos processos sexuais, passara a fugir de todos os desejos eróticos que nele surgiam” (p. 21)

“Com exceção disso, reafirmamos que o autor apresentou-nos um estudo psiquiátrico perfeitamente correto, pelo qual podemos medir nossa compreensão dos trabalhos da mente - um caso clínico e a história de uma cura que parecem concebidos para ressaltar determinadas teorias fundamentais da psicologia médica. Já é bastante singular que o autor possa ter realizado tal trabalho, mas o que diríamos se, ao ser interrogado, ele negasse ter tido tal intenção?” (p. 25)

“Tudo que é reprimido é inconsciente, mas não podemos afirmar que tudo que é inconsciente é reprimido. Se ao ver o relevo, Hanold se houvesse recordado do modo de andar de Zoe, o que anteriormente fora uma lembrança inconsciente se teria tornado simultaneamente ativo e consciente, e isso teria demonstrado que essa lembrança não fora anteriormente reprimida. ‘Inconsciente’ é um termo puramente descritivo, indefinido em alguns aspectos e, poderíamos dizer, estático” (p. 28)

Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci (1910). (pp. 1 – 80).

FREUD, S. **Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci** (1910). In: _____. Arte, literatura e os artistas. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

“Portanto, Leonardo provavelmente quis dizer que o amor praticado pelos seres humanos não é o amor certo, isento de objeções; que deveríamos amar de modo a reter o afeto, submetê-lo ao labor do pensamento e deixá-lo tomar seu curso apenas depois de ser aprovado no exame do pensar” (p. 10)

“Então, quando buscou retornar da pesquisa científica para o exercício da arte, do qual partira, experimentou em si o incômodo gerado pelo novo foco de seus interesses e a modificada natureza de seu trabalho psíquico. O que lhe interessava num quadro era, sobretudo, um problema, e por trás deste via inúmeros outros problemas surgirem, tal como se habituara a ver na

interminável e inesgotável pesquisa da natureza” (p. 13).

“Se considerarmos a coexistência, em Leonardo, de um poderoso instinto de pesquisa e uma atrofia da vida sexual, que se restringe à assim chamada homossexualidade ideal, estaremos inclinados a requerê-lo como exemplo de nosso terceiro tipo. O fato de ele ter conseguido sublimar em impulso à pesquisa a maior parte de sua libido, após a ânsia de saber ter atuado a serviço dos interesses sexuais na infância, seria o âmago e o segredo do seu ser” (p. 17).

“Embora pouco se saiba sobre a conduta sexual desse grande artista e pesquisador, podemos confiar em que os dizeres dos seus contemporâneos provavelmente não se equivocavam muito. Conforme essa tradição, ele parece ter sido um homem cujas necessidades e atividades sexuais eram extraordinariamente reduzidas, como se uma alta aspiração o tivesse erguido acima das comuns exigências animais do ser humano” (p. 35)

“Os instintos e suas transformações são o limite do que a psicanálise é capaz de discernir. Daí em diante ela dá lugar à investigação biológica. Tanto a tendência à repressão como a capacidade de repressão nós somos obrigados a fazer remontar aos fundamentos orgânicos do caráter, sobre os quais se ergue o edifício psíquico” (p. 67).

FREUD, S. **O Caso Schreber:** Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FREUD, S. O Caso Schreber: Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). (pp. 1 – 275).

“A investigação psicanalítica da paranoia oferece dificuldades especiais para nós, médicos não ligados a instituições públicas. Não podemos aceitar ou manter por longo tempo doentes assim, pois a condição para nosso tratamento é a perspectiva de sucesso terapêutico. Apenas excepcionalmente posso lançar um olhar mais detido à estrutura da paranoia, seja quando a incerteza do diagnóstico — nem sempre fácil — favorece a tentativa de influenciar o paciente, seja quando, apesar do diagnóstico seguro, cedo aos pedidos da família e começo a tratar o indivíduo por algum tempo” (p. 10)

“Sobre os antecedentes e as circunstâncias de vida do paciente, nem seus

escritos nem os pareceres médicos a eles agregados informam suficientemente. Eu não poderia sequer dizer qual a sua idade no momento em que adoeceu, embora a elevada posição que alcançou na Justiça, antes de adoecer pela segunda vez, garanta um certo limite inferior” (p. 12)

“Na psicanálise fazemos derivar os fenômenos patológicos da repressão, de maneira bastante geral. Se examinarmos atentamente o que chamamos de “repressão”, encontraremos motivo para decompor o processo em três fases, que permitem uma boa distinção conceitual” (p. 58)

“O desenvolvimento cultural que se impõe à humanidade torna necessárias as restrições e repressões dos impulsos sexuais, requerendo maior ou menor sacrifício conforme a constituição individual. É raro que o desenvolvimento ocorra sem problemas, e os distúrbios que se apresentam — devido à constituição individual ou a incidentes sexuais prematuros — deixam alguma predisposição para futuras neuroses” (p. 207)

*FREUD, Sigmund. **Totem e tabu.** (pp. 10 – 79) - Partes I e II*

*FREUD, Sigmund. Obras completas, v. 11. **Totem e tabu**, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.*

“Agora nos voltamos, enfim, para a característica do sistema totêmico que interessa também ao psicanalista. Em quase toda parte em que vigora o totem há também a lei de que membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar. É a instituição da exogamia, ligada ao totem” (p. 12)

“Mas, se substituimos o casamento individual pelo casamento grupal, tornase-nos compreensível o aparente exagero nas medidas para evitar o incesto, que encontramos nos mesmos povos. A exogamia totêmica, a proibição de vínculos sexuais entre membros do mesmo clã, aparece então como o meio apropriado para evitar o incesto de grupo, meio que se tornou fixo e persistiu por longo tempo após sua motivação” (p. 16)

“Já o neurótico representa para nós um quê de infantilismo psíquico, ele não conseguiu libertar-se das condições infantis da psicosexualidade ou reverteu a elas (inibição no desenvolvimento e regressão). Em sua vida psíquica inconsciente, então, as fixações infantis incestuosas da libido têm ainda — ou novamente — um papel determinante” (p. 25)

“O significado de “tabu” se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado quer dizer “santo, consagrado”; por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro”. O contrário de “tabu”, em polinésio, é noa, ou seja, “habitual, acessível a todos” (p. 26)

“Quem aborda o problema do tabu a partir da psicanálise, isto é, da investigação da parcela inconsciente na vida psíquica individual, logo se dá conta, após breve reflexão, de que esses fenômenos não lhe são desconhecidos” (p. 34)

“A principal característica da constelação psicológica que assim foi fixada é o que se poderia chamar a atitude ambivalente do indivíduo quanto a um objeto, ou melhor, quanto à ação sobre ele” (p. 37)

“Do ponto de vista genético, a natureza associal da neurose resulta de sua tendência original de escapar de uma realidade insatisfatória, rumo a um prazeroso mundo de fantasia. O mundo real, evitado pelo neurótico, é governado pela sociedade dos homens e pelas instituições que eles criaram conjuntamente; dar as costas à realidade é, ao mesmo tempo, retirar-se da comunidade humana” (p. 79)

*FREUD, Sigmund. **Totem e tabu.** (pp. 80 – 176) - Partes III e IV*

*FREUD, Sigmund. Obras completas, v. 11. **Totem e tabu**, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.*

“O comportamento do homem primitivo, de reagir aos fenômenos que estimulam sua reflexão formando a ideia de almas e transferindo-as para objetos do mundo exterior, é julgado bastante natural e não particularmente enigmático” (p. 81)

“Não há dúvida quanto ao que é considerado eficaz em todos esses exemplos. É a semelhança entre o ato realizado e o evento esperado. Daí Frazer chamar de imitativa ou homeopática essa espécie de magia. Se eu quero que chova, preciso apenas fazer algo que pareça ou lembre a chuva” (p. 85)

“Quanto à criança, que se acha em condições psíquicas análogas, mas ainda não tem capacidade motora, defendemos a hipótese de que inicialmente satisfaz seus desejos de forma alucinatória, produzindo a situação satisfatória mediante as excitações centrífugas de seus órgãos sensoriais” (p. 88)

“Apenas num âmbito a “onipotência dos pensamentos” foi conservada em nossa cultura, no âmbito da arte. Unicamente na arte ainda sucede que um homem consumido por desejos realize algo semelhante à satisfação deles, e que essa atividade lúdica provoque — graças à ilusão artística — efeitos emocionais como se fosse algo real” (p. 94)

“Vendo-se a repressão dos instintos como uma medida do grau de cultura alcançado, deve-se admitir que também no sistema animista houve progressos e desenvolvimentos que são injustamente menosprezados, devido à sua motivação supersticiosa” (p. 101)

“Se a psicanálise foi pioneira em descobrir a invariável sobre determinação dos atos e formações psíquicas, não devemos recear que ela seja tentada a propor uma origem única para algo tão complicado como a religião. Se, por necessidade — ou melhor, por dever de ofício —, ela se mostra unilateral e destaca uma só das fontes dessa instituição, não reivindica exclusividade para essa fonte, nem tampouco o primeiro lugar entre os fatores operantes” (p. 102)

“Desse modo, os impulsos de hostilidade para com o pai, a existência da fantasia com o desejo de matá-lo e devorá-lo, poderiam bastar para produzir a reação moral que gerou o totemismo e o tabu. Assim escaparíamos à necessidade de fazer remontar a um crime horrendo, ofensivo a todos os nossos sentimentos, a origem de nosso patrimônio cultural, do qual temos justificado orgulho” (p. 156)

FREUD, S. (1927). **O Futuro de uma Ilusão** (pp. 1 - 90)

FREUD, S. (1927). **O Futuro de uma Ilusão**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

“Fica-se assim com a impressão de que a cultura é algo imposto a uma maioria recalcitrante por uma minoria que soube se apropriar dos meios de poder e de coerção. Obviamente, é fácil supor que essas dificuldades não estão ligadas à natureza da própria cultura, mas que são condicionadas às imperfeições das formas de cultura até agora desenvolvidas” (p. 23)

“Para que nos expressemos de maneira uniforme, chamemos de frustração o fato de um impulso não poder ser satisfeito, de proibição a instituição que a estipula e de privação o estado produzido pela proibição. O passo seguinte é distinguir entre privações que atingem a todos e aquelas que não atingem a

todos, mas apenas grupos, classes ou mesmo indivíduos” (p. 27)

“A satisfação narcísica obtida do ideal cultural também está entre aquelas potências que se opõem com êxito à hostilidade dirigida à cultura dentro do círculo cultural. Não apenas as classes privilegiadas, que gozam os benefícios dessa cultura, mas também os oprimidos podem tomar parte nessa satisfação, na medida em que a autorização para desprezar aqueles que estão fora os recompensa pelo prejuízo em seu próprio círculo” (p. 31)

“A maioria dessas neuroses infantis é superada espontaneamente ao longo do crescimento; esse é o destino, em especial, das neuroses obsessivas da infância. Quanto às restantes, deverão ser eliminadas mais tarde com o tratamento psicanalítico” (p. 66)

““Outra contradição surge quando o senhor admite, por um lado, que o homem não pode ser guiado pela inteligência, que é dominado por suas paixões e pelas exigências de seus impulsos, mas, por outro lado, o senhor propõe que as bases afetivas da obediência do homem à cultura sejam substituídas por bases racionais. Entenda isso quem puder. Parece-me que é uma coisa ou outra” (p. 69)

“Contradigo-o, portanto, quando o senhor conclui que o homem absolutamente não pode prescindir do consolo da ilusão religiosa, que sem ela não lhe seria possível suportar o peso da vida, a cruel realidade. De fato, não o homem a quem o senhor tenha instilado o doce – ou agridoce – veneno desde a infância. Mas e aquele que for criado sóbrio? Talvez aquele que não sofra da neurose também não precise de nenhuma intoxicação para anestesiá-la” (p. 73)

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. (pp. 1 - 494)

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1929-1930/1974.

“É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E no entanto corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica” (p. 14)

“Por um lado, a religião é aí colocada em oposição às duas maiores realizações do ser humano; por outro lado, afirma-se que ela pode representar ou substituir ambas, no que toca ao valor para a vida. Se quisermos privar o homem comum de sua religião, tudo indica que não teremos a nosso favor a autoridade do poeta. Tentaremos um caminho particular para a apreciação do seu dito” (p. 28)

“encontrou resistência até mesmo nos círculos psicanalíticos. Sei que é frequente a inclinação de atribuir a uma bipolaridade original do próprio amor tudo o que nele é encontrado de perigoso e hostil. No começo expus apenas tentativamente essas concepções, mas com o tempo elas ganharam tal ascendência sobre mim, que já não posso pensar de outro modo” (p. 87)

“Dissemos que a angústia* é um estado afetivo, ou seja, uma união de determinadas sensações da série prazer-desprazer com as inervações de descarga a elas correspondentes e a sua percepção, mas provavelmente também o precipitado de um certo evento significativo, incorporado por

hereditariedade, algo comparável ao surto histérico” (p. 224)

“Seria um experimento bastante instrutivo para psicólogos da infância, mas a vida dos pais ficaria intolerável, e as crianças mesmas sofreriam graves danos, que se mostrariam imediatamente, em parte, e depois em sua vida futura. De modo que a educação tem de inibir, proibir, suprimir, o que sempre fez em todas épocas. Mas aprendemos com a análise que justamente essa supressão dos instintos acarreta o perigo do adoecimento neurótico” (p. 311)

“O segundo tipo, ao qual dei o nome, à primeira vista estranho, de obsessivo, caracteriza-se pela predominância do Super-eu, que sob elevada tensão se separa do Eu. Ele é dominado pelo medo da consciência moral, em lugar do medo ante a perda do amor; mostra uma dependência interna, digamos, em vez de externa; desenvolve um elevado grau de autonomia, e socialmente vem a ser o autêntico veículo da cultura, predominantemente conservador” (p. 367)

“Podemos perguntar se é lícito atribuir à atividade mitopoética a tentativa -como que por brincadeira -de dar representação disfarçada a processos psíquicos com expressão corporal, universalmente conhecidos, mas também extremamente interessantes, sem outro motivo do que o simples prazer de representar” (p. 405)

“Ainda que fosse de outro modo, é preciso dizer que daí à causação de semelhante ato há uma enorme distância. Justamente devido a sua onipresença, o complexo de Édipo não é adequado para uma conclusão sobre a autoria de um crime” (p. 457)

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. (pp. 1 - 190)

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**, 1939 [1934-38]. In: _____. Moisés e o monoteísmo três ensaios. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

“Privar um povo do homem de quem se orgulha como o maior de seus filhos não é algo a ser alegre ou descuidadamente empreendido, e muito menos por alguém que, ele próprio, é um deles. Mas não podemos permitir que uma reflexão como esta nos induza a pôr de lado a verdade, em favor do que se supõe serem interesses nacionais; além disso, pode-se esperar que o esclarecimento de um conjunto de fatos nos traga um ganho em conhecimento” (p. 4)

“Se, então, Moisés foi egípcio, nosso primeiro proveito dessa hipótese é um novo enigma, um enigma difícil de decifrar. Se um povo ou uma tribo se dispõe a um grande empreendimento, é de esperar que um de seus membros assuma o lugar de líder ou seja escolhido para esse posto. Mas não é fácil imaginar o que poderia ter induzido um egípcio aristocrata - um príncipe, talvez, ou então um sacerdote ou alto funcionário - a colocar-se à testa de uma multidão de estrangeiros imigrantes, num nível atrasado de civilização, e abandonar seu país com eles” (p. 11)

“Algumas dessas diferenças podem facilmente derivar-se do contraste fundamental existente entre um monoteísmo estrito e um politeísmo irrestrito. Outras são evidentemente resultado de uma diferença em nível espiritual e intelectual, já que uma dessas religiões estava muito próxima de fases primitivas [de desenvolvimento], ao passo que a outra se elevou a alturas de abstração sublime” (p. 12)

“O cerne de minha hipótese - a dependência do monoteísmo judaico do

episódio monoteísta na história egípcia - já fora suscitado e mencionado por diversos autores. Poupe-me o trabalho de citar essas opiniões aqui, pois nenhuma delas foi capaz de indicar como essa influência pode ter entrado em operação. Ainda que, em nossa opinião, a influência permaneça vinculada à figura de Moisés, devemos também mencionar algumas outras possibilidades, em acréscimo àquela que preferimos” (p. 19)

“Se nossa descrição da história primeva é aceita como, em geral, digna de crédito, dois tipos de elementos serão identificados nas doutrinas e rituais religiosos: por um lado, fixações na história antiga da família e sobrevivências dela, e, por outro, revivescências do passado e retornos, após longos intervalos, daquilo que fora esquecido. É essa última parte, até agora desprezada e, portanto, não compreendida, que vai ser demonstrada aqui, pelo menos num caso impressionante” (p. 53)

“Os sintomas das neuroses, poder-se-ia dizer, são, sem exceção, ou uma satisfação substitutiva de algum impulso sexual ou medidas para impedir tal satisfação, e, via de regra, são conciliações entre as duas, do tipo que ocorre em consonância com as leis que operam entre contrários, no inconsciente” (p. 119)

“A psicanálise constitui uma parte da ciência mental da psicologia. Também é descrita como ‘psicologia profunda’; mais tarde, descobriremos por quê. Se alguém perguntar o que realmente significa ‘o psíquico’, será fácil responder pela enumeração de seus constituintes: nossas percepções, idéias, lembranças, sentimentos e atos volitivos - todos fazem parte do que é psíquico. Mas se o interrogador for mais longe e perguntar se não existe alguma qualidade comum, possuída por todos esses processos, que torne possível chegar mais perto da natureza, ou, como as pessoas às vezes dizem, da essência do psíquico, então será mais difícil fornecer uma resposta” (p. 180)

FICHAMENTO: Melanie Klein – 100h

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. (pp. 12 – 79) Capítulos I a V

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

“As contribuições de Melanie Klein para a teoria e a técnica psicanalíticas podem ser claramente divididas em três fases distintas: A primeira fase tem início com seu artigo “On the Development of the Child” e culmina com a publicação de *The Psycho-Analysis of Children* em 1932. Durante essa fase, estabeleceu os fundamentos da análise de crianças e delineou o complexo de Édipo e o superego até as raízes primitivas de seu desenvolvimento” (p. 12)

“Suas observações na sala de recreio confirmaram diretamente, a partir do material infantil, as teorias de Freud sobre sexualidade infantil. Contudo, também puderam ser observados fenômenos que não eram esperados” (p. 13)

“Seguindo a simbolização e a repetição da criança, na transferência, de relações de objeto e ansiedades mais primitivas, ela foi levada a ver que as relações de objeto da criança se prolongavam pelo passado, exatamente até

um a relação com objetos parciais, tais com o seio e o pênis, precedendo a relação com os pais como pessoas totais” (p. 14)

“Alguns psicólogos costumavam fazer objeções à descrição da mente feita por Freud, com o pretexto de que era antropomórfica — estranha objeção, parecem e, já que a psicanálise se ocupa da descrição do homem. O que eles queriam dizer era que Freud, ao descrever conceitos como o de superego, parecia ver a estrutura mental como se ela contivesse objetos que eram antropomórficos ou semelhantes ao homem” (p. 22)

“O sonho que se segue, apresentado por um paciente na primeira semana de sua análise, ilustra a relação entre fantasia inconsciente, realidade, mecanismos de defesa e estrutura do ego. É certo que esse paciente nunca lera qualquer literatura analítica e nunca ouvira falar desses conceitos; de outra forma, o sonho poderia ser encarado com muito mais ceticismo. O paciente, oficial de marinha, sonhou com uma pirâmide” (p. 31)

“Segundo Melanie Klein, no nascimento já existe ego suficiente para experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objeto primitivas na fantasia e na realidade. Esse ponto de vista não está inteiramente em discordância com o de Freud. Em alguns de seus conceitos, ele parece inferir a existência de um ego primitivo” (p. 36)

“Melanie Klein descreve a inveja primitiva com um desses fatores, atuando a partir do nascimento e afetando substancialmente as mais primitivas experiências do bebê. A inveja, naturalmente, há muito tempo vem sendo reconhecida na teoria e na prática psicanalíticas como emoção de grande importância. Freud, em especial, deu grande atenção à inveja do pênis nas mulheres” (p. 51)

“A psicopatologia da fase mais primitiva do desenvolvimento é, de modo nada surpreendente, o mais obscuro e difícil problema na pesquisa psicanalítica. Trata-se da fase de desenvolvimento mais distante no tempo do momento em que vemos nossos pacientes, quando suas experiências mais primitivas já se modificaram, se deformaram e se confundiram com as posteriores” (p. 66)

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. (pp. 80 – 137) Capítulos VI a X

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

“Quando o bebê sentir que seu ego está forte e na posse segura de um objeto ideal forte, ele se sentirá menos temeroso de seus próprios impulsos maus e, portanto, menos impulsionado a projetá-los para fora. Quando diminui a projeção de impulsos maus, diminui também o poder atribuído ao objeto mau, ao passo que o ego se torna mais forte, já que está menos empobrecido pela projeção” (p. 80)

“alidade externa. Ao mesmo tempo, durante o desenvolvimento e a elaboração da posição depressiva, há um fortalecimento do ego pelo crescimento e pela assimilação de objetos bons, os quais são introjetados no ego e também no superego” (p. 86)

“Nesse ponto, pode-se ver a gênese da formação simbólica. A fim de poupar o

objeto, o bebê em parte inibe seus instintos e em parte os desloca ou os substitui — o início da formação simbólica. Os processos de sublimação e de formação simbólica estão estreitamente vinculados; ambos são produto de conflitos e ansiedades pertinentes à posição depressiva” (p. 88)

“Ela se defendia contra a ansiedade depressiva, devida à separação próxima e a seu ataque ao seio interno, por inversão e por identificação projetiva. Projetava em mim sua própria parte de bebê, ao passo que se identificava magicamente comigo — a mãe — por introjeção. Isso durou vários dias, até que, quatro dias antes do feriado, no fim de uma sessão, me pediu que lhe fizesse um relógio redondo” (p. 90)

“A organização de defesas maníacas na posição depressiva inclui mecanismos que já estavam em evidência na posição esquizo-paranóide: divisão (splitting), idealização, identificação > projetiva, negação, etc. O que distingue o uso posterior dessas / defesas é que elas são altamente organizadas, de acordo com o estado de maior integração do ego, sendo também especificamente dirigidas contra a experiência de ansiedade depressiva e culpa” (p. 95)

“Tecnicamente, as defesas maníacas são de importância fundamental, já que se dirigem primariamente contra a experiência da realidade psíquica, ou seja, contra todo o objetivo do processo analítico, na medida em que esse objetivo é trazer com apreensão interna (insight) e plena experiência da realidade psíquica. A negação da realidade psíquica pode ser mantida pelo redespertar e pelo reforço da onipotência e, principalmente, do controle onipotente do objeto” (p. 96)

“As fantasias e atividades reparadoras resolvem as ansiedades da posição depressiva. A aguda intensidade da ansiedade depressiva é mitigada pelas repetidas experiências de perda e recuperação do objeto. O reaparecimento da mãe, após ausências, as quais são sentidas com o morte, e o contínuo amor e cuidado que o bebê recebe de seu ambiente, fazem com que ele se dê mais conta da elasticidade de seus objetos externos e se torne menos temeroso dos efeitos onipotentes dos ataques que faz a eles em suas fantasias” (p. 105)

“Está implícito na definição fornecida por Melanie Klein da posição depressiva que o complexo de Édipo começa a se desenvolver durante essa fase, da qual é parte integrante. Quando a mãe é percebida como objeto total, há uma mudança não apenas na relação do bebê com sua mãe, mas também em sua percepção do mundo. As pessoas são reconhecidas por ele individual e separadamente, e com o tendo relações umas com as outras; em especial, o bebê se dá conta do vínculo que existe entre seu pai e sua mãe. Isso prepara o terreno para o complexo de Édipo” (p. 117)

“A masturbação, que vinha sendo pré-genital ou genital, se torna aos poucos predominante ou exclusivamente genital; as fantasias masturbatórias — que de início estavam em conexão com as fantasias orais, anais e uretrais, mesmo quando a masturbação era genital — se tornam também mais consistentemente relacionadas com a relação sexual genital” (p. 125)

“É muito difícil, através de descrição, dar uma idéia da técnica psicanalítica. Na verdade, o único modo de conhecer a técnica de outro analista é através da discussão de casos em sessões supervisionadas, em seminários ou em grupos de estudo. Os capítulos anteriores deste livro são dedicados à discussão de conceitos teóricos, usando material clínico apenas como ilustração. Uma idéia da técnica pode ser extraída a partir de certos relatos de casos nos quais tento dar a seqüência de associações e interpretações, como o material de crianças

nos capítulos V II e V III, e alguns outros” (p. 131)

“Naturalmente, a adesão rigorosa ao método psicanalítico básico não deve tornar-se rigidez. Com certos pacientes, algumas vezes pode ser necessário começar com sete vezes por semana; com certos psicóticos, como com crianças pequenas, a prescrição talvez tenha de ser feita, para serem persuadidos e atingidos, a partir das sessões, etc. Contudo, um a vez estabelecido o cenário (setting), este não deve estar sujeito a controle pela doença do paciente” (p. 133)

“Não se pode separar considerações de técnica dos pontos de vista sobre os fatores dinâmicos no processo analítico e do objetivo terapêutico. Quando Freud descobriu os processos inconscientes dinâmicos e o mecanismo de defesa de repressão, o objetivo da técnica psicanalítica era erguer as repressões e tornar o inconsciente consciente — “onde o id estava, deveria estar o ego”. Esse objetivo básico foi alterado pelas descobertas posteriores? Basicamente o objetivo terapêutico permaneceu o mesmo — libertar o ego e capacitá-lo a crescer, a amadurecer, e a estabelecer relações de objeto satisfatórias” (p. 136)

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. (pp. 25 – 91) Parte I. Capítulos 1 a 3

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

“Consideraremos agora o conteúdo e as causas desses precoces sentimentos de culpa, referindo-nos a um outro caso. Trude, de três anos e nove meses, costumava amiúde fazer de conta, em sua análise, que era noite e que ambas estávamos dormindo. Ela então vinha avançando para mim do canto oposto da sala (onde se supunha estaria o seu quarto de dormir): e ameaçava-me de várias maneiras, como, por exemplo, de que ia me apunhalar na garganta, me atirar pela janela, me queimar, me levar à polícia etc” (p. 27)

“Se quisermos compreender corretamente o brincar da criança em relação a todo o seu comportamento durante a hora de análise, não devemos contentar-nos em desvendar o significado de símbolos isolados, por mais reveladores que sejam; é preciso levar em consideração todos os mecanismos e métodos de representação empregados no trabalho onírico, jamais perdendo de vista a relação de cada fator isolado com a situação global. A análise infantil tem-nos demonstrado repetidas vezes quantos significados diferentes um simples brincar ou a simples peça de um jogo podem ter. Só chegaremos a compreender plenamente o seu significado quando conhecermos suas conexões ulteriores e a situação analítica geral dentro da qual se situam” (p. 31)

“Visto que a maior parte das crianças assimila os novos conhecimentos de forma inconsciente, não se pode exigir delas que modifiquem imediatamente sua atitude com relação aos pais. Essa modificação consistirá, inicialmente, numa mudança de sentimentos” (p. 37)

“Sobre uma mesinha baixa em minha sala de análise há vários brinquedos de tipo primitivo: pequenos homens e mulheres de madeira, carroças, carruagens, automóveis, trenzinhos, animais, cubos e casas, além de papel, tesouras e lápis. Mesmo uma criança normalmente inibida no jogo lançará pelo menos um

olhar aos brinquedos ou tocará neles, permitindo-me um primeiro vislumbre de sua vida complexiva, pela maneira como começa a brincar com eles ou os deixa de lado, ou por sua atitude geral em relação aos mesmos” (p. 41)

“Algumas crianças manifestam preferência por jogos de faz-de-conta. Outras, pelo modo de representação mais indireto; por meio dos brinquedos. Brincar de mãe e filha, de escolinha, construir ou mobiliar uma casa (com o auxílio de cadeiras, móveis, almofadas etc.), fazer uma viagem, andar de trem, ir ao teatro, consultar o médico, trabalhar num escritório ou numa loja, eis alguns dos exemplos típicos dos jogos de ficção. Do ponto de vista analítico, o valor desses jogos de ficção está em seu método direto de representação e, conseqüentemente, na maior riqueza de associações verbais que suscitam. Efetivamente, como já foi dito no primeiro capítulo, uma das condições necessárias para o êxito de um tratamento é que a criança, seja qual for sua idade, tenha tirado partido, no curso de sua análise, de todos os recursos da linguagem à sua disposição” (p. 63)

“No curso da análise de Erna, evidenciou-se claramente que o teatro e os espetáculos de qualquer gênero representavam o coito de seus pais. As inúmeras atuações em que ela posava de atriz ou dançarina admirada por todos os espectadores, denunciavam a intensa admiração, mesclada de inveja, que sentia pela mãe. Identificando-se com a mãe, ela também assumia amiúde o papel de rainha perante a qual todos se inclinavam” (p. 70)

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. (pp. 93 – 170) Parte I. Capítulos 4 a 7

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

“Ao lidar com casos típicos desse período, podemos muitas vezes observar como o ego da criança, ainda muito mais débil que o do adulto, se empenha em fortalecer sua posição, colocando todas as energias a serviço das tendências repressivas e agarrando-se à realidade. Nosso trabalho analítico é contrário a todas as tendências do ego da criança, e é por isso que não podemos, a meu ver, contar com a ajuda do ego no princípio do tratamento; antes, devemos procurar estabelecer relações com os sistemas inconscientes para ir depois, gradualmente, conquistando a colaboração do ego” (p. 96)

“Gostaria de sublinhar aqui uma semelhança entre a técnica da análise da criancinha e a técnica lúdica, que em certos casos é empregada com crianças maiores. Kenneth se tornara consciente de uma parte importante de seu passado através do jogo com os cubos. Com o prosseguimento da análise ele sofreu, muitas vezes, um retorno de angústia e nessas ocasiões só conseguia me comunicar suas associações quando as suplementava com representações por meio dos cubos” (p. 102)

“O método adotado por Ilse para modificar sua angústia, que consistia em refutar totalmente a responsabilidade por seus atos, e a adotar uma atitude desagradável, desafiante e antipática face ao meio ambiente, é, conforme constatei, característica de certa categoria de indivíduos sociais. Os mesmos mecanismos operavam em Kenneth, que mostrava total indiferença pela opinião alheia e tão extraordinária falta de vergonha” (p. 134)

“Por esses motivos, o analista deve conhecer profundamente a técnica

apropriada aos adultos antes de empreender o tratamento de crianças na idade da puberdade. Geralmente, considero a análise infantil uma especialização, que deve ser precedida de uma formação regular na análise de adultos” (p. 137)

“A angústia sentida pelas crianças com relação a determinadas pessoas quase sempre dá lugar a uma timidez geral, como é fácil constatar. Mais tarde, ela surge freqüentemente como mera inibição nas relações sociais ou acanhamento. Todos esses matizes de _ medo não passam de modificações da angústia primitiva que, como no caso do medo aos contatos humanos, pode determinar todo o comportamento social ulterior. Uma fobia declarada por certos animais converter-se-á numa aversão a eles ou aos animais em geral” (p. 140)

“Na criança, a tendência a lamuriar-se e o hábito de cair, colidir com objetos ou machuca1-se, devem ser encarados como expressão de temores variados e de sentimentos de culpa. A análise infantil convenceu-me de que a recorrência desses pequenos acidentes, e algumas vezes de outros mais sérios, indica que eles são substitutos de auto-agressões de natureza mais grave, e podem representar tentativas de suicídio com meios insuficientes” (p. 143)

“Sabemos que a masturbação ocorre geralmente no período de lactância e que comumente se prolonga, em maior ou menor grau, até o período de latência. Desnecessário é dizer-se que .é muito difícil encontrar crianças, mesmo quando muito pequenas, masturbando-se abertamente. No período que antecede a puberdade e, particularmente, durante a própria puberdade, o onanismo torna-se novamente muito freqüente” (p. 159)

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. (pp. 173 – 257) Parte I. Capítulos 8 a 10

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

“Ao prazer da sucção, sucede-se, normalmente, o prazer de morder. Se o bebê não obtiver gratificação no estágio oral de sucção, aumentará sua necessidade de gratificação no estágio oral de morder.² A opinião de Abraham, de que a incapacidade da criança de obter prazer suficiente no período de amamentação depende das circunstâncias que é alimentada, foi plenamente confirmada pela observação psicanalítica geral” (p. 174)

“os fatores cronológicos, assim como os econômicos, assumirão uma nova importância. Se as tendências oral-sádicas forem ativadas muito cedo e muito violentamente, as relações objetais da criança e a formação de seu caráter cairão sob o domínio do sadismo e da ambivalência; por outra parte, a angústia suscitada por um incremento tão abrupto do sadismo oral exercerá forte pressão sobre o ego ainda imaturo, de sorte que o desenvolvimento do ego adiantar-se-á ao da libido - sendo este, como sabemos, um fator determinante da neurose obsessiva” (p. 175)

“Constatei que, naquele primitivo período de desenvolvimento a que denominei de fase de sadismo máximo, todos os estadias pré-genitais, assim como o estágio genital, são catexizados em rápida sucessão. É que a libido entra em luta com os impulsos destrutivos e consolida gradualmente suas posições” (p. 204)

“A medida que a criança vai avançando para o estágio genital e que suas

imagos introjetadas vão se tornando mais amistosas, o comportamento do superego se transforma e o processo de superar a angústia torna-se cada vez mais bem sucedido. Quando as ameaças até aqui esmagadoras do superego se atenuam, ficando reduzidas a admoestações e reprimendas, o ego pode encontrar apoio contra elas em seus relacionamentos positivos” (p. 208)

“Atribuo uma importância capital a esse enorme medo ao pai na gênese de seu complexo de Édipo invertido. Ao analisar diversos meninos altamente neuróticos, entre os quatro e os cinco anos de idade,²⁴ que apresentavam traços paranóides e nos quais o complexo de Édipo invertido era predominante, convenci-me de que esse curso de desenvolvimento havia sido grandemente determinado por um medo excessivo ao pai, que persistia nas camadas psíquicas mais profundas e que havia sido gerado por uma agressividade primária extremamente violenta dirigida contra ele” (p. 216)

“Ao distinguir, assim, a manifestação precoce de traços obsessivos isolados da verdadeira neurose obsessiva posterior, espero ter conseguido tornar o ponto de vista aqui formulado, concernente à gênese da neurose obsessiva, mais conforme com a teoria aceita” (p. 220)

“De acordo com minhas observações, se a criança necessita ter sempre a mãe consigo é para convencer-se não só de que não está morta, mas também de que não é a mãe "má" que ataca. É necessária a presença de um objeto real para combater o medo que lhe inspiram seu superego e seus aterrorizantes objetos introjetados” (p. 241)

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. (pp. 259 – 357) Parte I. Capítulos 11 a 12

KLEIN, Melanie. (1926). **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

“Segundo minha experiência, as tendências edípicas da menina são introduzidas por seus desejos orais pelo pênis do pai. Estes desejos já estão acompanhados de impulsos genitais. Seu desejo de furtar o pênis paterno da mãe para incorporá-lo, me parece de uma importância fundamental no desenvolvimento de sua vida sexual” (p. 261)

“Em virtude da onipotência de pensamentos, o desejo oral da menina pelo pênis do pai faz com que ela acredite havê-lo de fato incorporado; e agora seus sentimentos de ambivalência para com ele estendem-se ao pênis internalizado” (p. 264)

“Ambas as categorias de fantasias sádicas geram angústia por diversos motivos. Voltando novamente à menina, vemos que, em conexão com a primeira categoria, ela receia sofrer represálias por parte de um ou de ambos os genitores, mas mais particularmente da mãe, por ser a mais odiada dos dois. Ela teme ser agredida tanto por dentro como por fora, uma vez que introjetou seus objetos ao mesmo tempo que os atacava. As relações sexuais estão intimamente associadas a esses temores, pois sua atividade sádica era primitivamente dirigida contra / os pais, que ela imaginava copulando” (p. 266)

“A importância, para a menina, da imago materna como figura "protetora", e a intensidade de seu apego à genitora, são muito grandes, uma vez que, em sua imaginação, a mãe é a possuidora do seio nutritivo, do pênis do pai e dos bebês e tem, por conseguinte, o poder de gratificar todas as suas

necessidades. Quando surgem as primeiras situações de angústia da pequerrucha, seu ego utiliza sua necessidade de nutrição” (p. 274)

“Penso que o fato da angústia da menina estar relacionada com o interior de seu corpo explica, em grande parte, a razão porque o papel desempenhado pela vagina em sua primeira organização sexual é eclipsado pela atividade do clitóris” (p. 277)

“Assim como as tendências restitutivas da menina participam da consolidação de sua posição homossexual, também a consolidação de sua posição heterossexual depende de que essas tendências estejam em conformidade com as exigências de seu superego” (p. 287)

“Esse processo de deslocamento; no qual tudo o que é terrífico e inquietante é situado no interior do corpo da mulher, é amiúde acompanhado de outro processo, que parece ser uma condição necessária para o completo estabelecimento da posição homossexual” (p. 331)

KLEIN, M. (1957). Obras completas de Melanie Klein, vol 3, **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. (pp. 150 – 204) Capítulos 8 e 9

KLEIN, M. (1957). Obras completas de Melanie Klein, vol 3, **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

“Descrevi como o uso dos brinquedos que eu mantinha especialmente para a criança na caixa em que eu os trouxe pela primeira vez provou ser essencial para sua análise. Esta experiência, assim como outras, ajudaram me a decidir quais brinquedos são mais adequados para a técnica psicanalítica através do brincar⁵. Percebi ser essencial ter brinquedos pequenos porque seu número e variedade permitem à criança expressar uma ampla variedade de fantasias e experiências” (p. 154)

“Não estou sugerindo que a técnica psicanalítica através do brincar dependa inteiramente de minha seleção particular do material. De qualquer modo, as crianças com frequência trazem espontaneamente suas próprias coisas e o brincar com elas entra como um fato natural no trabalho analítico. Mas creio que os brinquedos providos pelo analista devem ser, no geral, do tipo que descrevi, isto é, simples, pequenos e não-mecânicos” (p. 155)

“As observações de que na mente do bebê a mãe aparece primariamente como um seio bom e um seio mau cindidos, e de que em poucos meses, com a integração crescente do ego, os aspectos contrastantes começam a ser sintetizados, ajudaram-me a compreender a importância dos processos de cisão e de manutenção das figuras boas e más separadas, assim como a compreender o efeito de tais processos sobre o desenvolvimento do ego” (p. 167)

“Não são apenas as partes do self sentidas como destrutivas ou “ más” que são excindidas e projetadas para dentro de outra pessoa, mas também partes que são sentidas como boas e valiosas. Eu já havia chamado a atenção para o fato de que, desde o começo da vida, o primeiro objeto do bebê, o seio da mãe (e a mãe), é investido libidinalmente e de que isso influencia vitalmente a maneira pela qual a mãe é internalizada. Isso, por sua vez, é da maior importância para a relação com ela como um objeto externo e interno” (p. 171)

“A identificação projetiva está ligada a processos de desenvolvimento surgidos durante os três ou quatro primeiros meses de vida (a posição esquizo-

paranóide), quando a cisão está em seu auge e predomina a ansiedade persecutória. O ego ainda está muito pouco integrado e, portanto, passível de cindir a si próprio, suas emoções e seus objetos internos e externos; mas a cisão também é uma das defesas fundamentais contra a ansiedade persecutória” (p. 172)

“Esse ressurgimento de sentimentos de amor se mostra de várias maneiras: ele vivencia sentimentos apaixonados pela padeira, os quais, a meu ver, significam uma revivescência de sua vida amorosa arcaica. Outro passo nessa direção é a sua transformação em um homem casado e, portanto, sua entrada num círculo familiar. Mas a única pessoa que Fabian acha digna de estima — e da qual vai gostar — é Elise. Já descrevi os vários significados que Elise tem para ele” (p. 201)

KLEIN, M. (1957). Obras completas de Melanie Klein, vol 3, **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. (pp. 205 – 269) Capítulos 10

KLEIN, M. (1957). Obras completas de Melanie Klein, vol 3, **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

“Isso equivale a dizer que a análise percorre o caminho que vai da vida adulta à infância e, através de estágios intermediários, retorna à vida adulta, num movimento recorrente, para a frente e para trás, de acordo com a situação transferencial predominante” (p. 209)

“Tenho repetidamente proposto a hipótese de que o objeto bom originário, o seio materno, forma o núcleo do ego e contribui de modo vital para o seu crescimento, e tenho freqüentemente descrito como o bebê sente que concretamente internaliza o seio e o leite que este dá. Já existe também em sua mente uma conexão indefinida entre o seio e outras partes e aspectos da mãe” (p. 211)

“Ao longo deste capítulo, falo da inveja primária do seio materno. Essa inveja deve ser diferenciada de suas formas subseqüentes (inerentes, na menina, ao desejo de tomar o lugar da mãe, e, no menino, à posição feminina), nas quais a inveja não mais se focaliza no seio, e sim na mãe que recebe o pênis do pai, que tem bebês dentro dela, que dá à luz esses bebês, e que é capaz de amamentá-los” (p. 214)

“A gratidão é essencial à construção da relação com o objeto bom e é também o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo. A gratidão tem suas raízes nas emoções e atitudes que surgem no estágio mais inicial da infância, quando para o bebê a mãe é o único e exclusivo objeto” (p. 219)

“Se o objeto bom está profundamente enraizado, a cisão é fundamentalmente de natureza diferente e permite que processos muito importantes de integração do ego e síntese do objeto sejam operantes. Assim, uma mitigação do ódio pelo amor pode ocorrer em certa medida e a posição depressiva pode ser elaborada” (p. 224)

“No trabalho “Sobre a Identificação”, mostrei como é importante para o desenvolvimento da saúde mental e da personalidade que não haja predomínio da fragmentação nos processos arcaicos de cisão. Escrevi então: “O sentimento de conter um mamilo e um seio não-danificados — embora co-

existindo com fantasias de um seio devorado e, portanto, em pedaços — faz com que a cisão e a projeção não sejam predominantemente relacionadas a partes fragmentadas da personalidade e sim a partes mais coesas do self” (p. 266)

“Ao longo dessa revivescência, toma-se possível ao paciente desenvolver uma atitude diferente para com suas frustrações arcaicas. Não há dúvida de que, se o bebê foi de fato exposto a condições muito desfavoráveis, o retrospectivo estabelecimento de um objeto bom não pode desfazer as más experiências iniciais. Contudo, a introjeção do analista como um objeto bom, se não está baseada em idealização, tem em certa medida o efeito de prover um objeto bom interno, lá onde ele estava faltando” (p. 267)

KLEIN, Melanie. **Amor culpa e reparação**. (pp. 214– 227); (pp. 301 – 329)
Capítulos 9 e 17

KLEIN, Melanie. **Amor culpa e reparação**. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Tradução: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Teresa B. Marcondes Goboy, Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

“Em seu conceito, o complexo de Édipo tem início no período de desmame numa situação confusa e instável de impulsos misturados. Apesar da emergência de sentimentos genitais, os impulsos sádico-orais e sádico-anais mantêm sua predominância no princípio; os impulsos genitais só passam a dominar a cena mais tarde, quando a criança atinge a situação edipiana clássica descrita por Freud. O complexo de Édipo positivo interage intimamente com o invertido, e tanto o mundo interior da criança quanto o exterior estão envolvidos neste processo. Além disso, o fato de o complexo de Édipo começar tão cedo significa que isso ocorre quando o ego ainda não está muito desenvolvido e, de acordo com as novas pesquisas de Melanie Klein sobre o superego, na presença de um superego arcaico extremamente severo” (p. 301)

“A conexão entre a formação do superego e as fases pré-genitais do desenvolvimento é muito importante a partir de dois pontos de vista. Por um lado, o sentimento de culpa se prende às fases sádico-oral e sádico-anal, que ainda são as predominantes; por outro, o superego se forma quando essas fases ainda estão em ascendência, o que explica seu rigor sádico” (p. 217)

“Os estágios iniciais do conflito edipiano são tão dominados pelas fases pré-genitais do desenvolvimento, que quando a fase genital começa a entrar em atividade, ela permanece oculta e só mais tarde, entre o terceiro e o quinto ano de vida, pode ser detectada com clareza. Nessa idade, o complexo de Édipo e a formação do superego atingem seu clímax. No entanto, o fato de as tendências edipianas se iniciarem bem mais cedo do que pensávamos, a pressão do sentimento de culpa que, portanto, recai sobre os níveis pré-genitais, a influência determinante exercida tão cedo sobre o desenvolvimento do complexo de Édipo, por um lado, e, por outro, sobre o superego, assim como sobre a formação do caráter, a sexualidade e todo o resto do desenvolvimento do indivíduo — tudo isso me parece ter uma grande importância, ainda não reconhecida” (p. 227)

“Nesta teoria, Melanie Klein estabelece pela primeira vez uma distinção entre as duas formas de ansiedade: a paranóide (que mais tarde chamaria com mais

frequência de persecutória) e a depressiva. Trata-se de uma distinção fundamental. Traz ordem e clareza, e os conceitos que lhe estão relacionados se encaixam naturalmente em torno dela. Também introduz uma nova oposição nas relações de objeto: a diferença entre a relação com o objeto parcial e com o objeto total. De importância central é a nova ideia de posição como unidade de desenvolvimento, no lugar de fase ou estágio” (p. 302)

“A passagem da introjeção de objetos parciais para a de objetos amados totais, com todas suas implicações, aparentemente tem uma importância crucial para o desenvolvimento. Seu sucesso, é verdade, depende em grande parte da maneira como o ego conseguiu lidar com seu sadismo e sua ansiedade no estágio anterior do desenvolvimento, e da criação ou não de uma forte relação libidinal com os objetos parciais” (p. 329)

KLEIN, Melanie. **Amor culpa e reparação**. (pp. 331– 345); (pp. 347 – 384)
Capítulos 18 e 19

KLEIN, Melanie. **Amor culpa e reparação**. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Tradução: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Teresa B. Marcondes Goboy, Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

“O apego e o interesse da criança numa parte da pessoa é típico desse estágio inicial do desenvolvimento, e pode ajudar em muito a explicar sua relação fantástica e irreal com todas as coisas: por exemplo, com partes de seu próprio corpo, pessoas e objetos inanimados, que de início, é claro, são percebidos apenas de forma muito vaga. Pode-se dizer que o mundo de objetos da criança durante os primeiros dois ou três meses de vida consiste em partes gratificantes ou hostis e perseguidoras do mundo real” (p. 332)

“Dentro do escopo deste trabalho, é impossível lidar de forma adequada com a ligação existente entre fantasias agressivas, medos e sentimento de culpa de um lado, e o desejo de fazer reparação de outro; de qualquer maneira, só toquei nesse assunto porque queria mostrar que os sentimentos agressivos, que causam tanta perturbação na mentalidade da criança, são ao mesmo tempo de grande valor para seu desenvolvimento” (p. 335)

“Os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados por um tipo de atividade mental que julgo ser a mais primitiva: a construção da fantasia ou, em termos mais coloquiais, o pensamento imaginativo. Por exemplo, o bebê que deseja o seio da mãe quando ele não está lá pode imaginar sua presença, i.e., pode imaginar a satisfação que obtém dele. Esse fantasiar primitivo é a forma mais arcaica da capacidade que mais tarde se transforma na atividade mais elaborada da imaginação” (p. 349)

“A criança também tem um profundo ciúme dos irmãos, pois estes são rivais na disputa pelo amor dos pais. Ela, no entanto, ao mesmo tempo os ama, o que gera mais uma vez fortes conflitos entre os impulsos agressivos e o amor. Isso leva ao sentimento de culpa e ao desejo de oferecer compensações: uma vez que nossas relações com as pessoas em geral são moldadas a partir desse mesmo padrão, essa mistura de sentimentos é muito importante não só na nossa relação com nossos irmãos, mas também na nossa atitude social, nos sentimentos de amor e ódio, e no desejo de fazer compensações pelo resto da vida” (p. 351)

“A psicanálise demonstrou que há profundos motivos inconscientes que contribuem para a escolha do parceiro e que tornam duas pessoas atraentes e sexualmente satisfatórias uma para a outra. Os sentimentos do homem pela mulher são sempre influenciados pela sua ligação inicial com a mãe” (p. 364)